

Espectáculo discute efeitos trágicos da prática de bullying

PÁGINA 3



Vitor Ramil em parceria com Paulo Leminski

PÁGINA 4



Um sério candidato ao Oscar chega ao Festival do Rio

PÁGINA 5



2º CADERNO

Lançamento de documentário reforça o legado do Teatro Experimental do Negro e seu legado para futuras gerações de artistas.

Relançamento de livro de Abdias do Nascimento também celebra os 80 anos do grupo

Em 1945, pela primeira vez, atores negros pisaram enquanto protagonistas no palco do Teatro Municipal com a encenação de “O Imperador Jones”, um marco histórico possibilitado pelo Teatro Experimental do Negro (TEN). A companhia teatral foi pioneira na luta pela inclusão de artistas negros nos espaços culturais mais prestigiados do Brasil.

O grupo revelou talentos como Ruth de Souza, Léa Garcia, Grande Otelo e Milton Gonçalves, abrindo caminho para gerações de artistas negros no teatro, cinema e televisão.

Para celebrar os 80 anos do TEN, o Ipeafro (Instituto de Pesquisas e Estudos

Pioneirismo e ativismo negro em cena

Acervo Abdias do Nascimento/Ipeafro



Aguinaldo Camargo e Fernando Araújo na montagem de ‘Imperador Jones’, pelo Teatro Experimental do Negro, em 1945

Afro-Brasileiros), a DSS Produções e Temporal Editora levarão novamente ao Municipal o espírito da cultura e da arte que impulsionaram aqueles pioneiros e pioneiras a criar um dos movimentos

cênicos mais importantes do país. Nesta sexta-feira (11), a Sala Mário Tavares receberá o lançamento da primeira reedição de Dramas para Negros e Prólogo para Brancos (Temporal Editora | Ipeafro),

uma obra que desde 1961 se mantém como referência ao tratar das questões raciais no Brasil por meio da dramaturgia.

Esta nova edição inclui as nove peças da antologia original, entre elas “O Filho Pródigo”, de Lúcio Cardoso; “Sortilégio, Mistério Negro”, de Abdias Nascimento – em sua primeira versão – e “Anjo Negro”, de Nelson Rodrigues, além de textos inéditos que destacam a relevância histórica e atual do TEN.

No mesmo dia, haverá uma exibição especial do filme “Ecos do Teatro Experimental do Negro”, dirigido por Daniel Solá Santiago. O documentário explora as encenações marcantes do TEN e seu impacto transformador na valorização da cultura negra no Brasil, trazendo depoimentos inéditos de grandes artistas como Bibi Ferreira, Lázaro Ramos, Léa Garcia e Aílton Graça.

No domingo (13), a programação se desloca para o Mucab (Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira), com mais uma exibição especial do filme, seguida de uma roda de conversa. Além disso, o público presente também poderá participar do lançamento oficial da nova edição do livro, que será acompanhado por conversas sobre o legado do TEN e a luta contra o racismo nas artes cênicas.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Marcos Morteira/Divulgação



Juliana e Maitê, protagonistas da nova montagem

'A Dona da História', de 1997, ganha nova montagem

Encenado entre 1997 e 1998 com grande sucesso, o espetáculo "A Dona da História", de João Falcão — que ganhou também uma bem-sucedida versão para o cinema pelas mãos de Daniel Filho —, retorna ao palco em novíssima montagem, sob a direção de Heitor Martinez, em cartaz no Teatro Candido Mendes. A produção é das atrizes Ju-

liana Martins e Maitê Padilha, que interpretam os papéis que foram de Marieta Severo e Andréa Beltrão há 27 anos. Prova de que a arte imita a vida, Juliana, que acaba de completar 50 anos e 40 de carreira, leva para a cena justamente os dilemas de uma mulher de meia-idade que precisa lidar com o resultado de escolhas do passado.

Frida em Manaus

Manaus promove até domingo o 18º Festival de Teatro da Amazônia com 30 espetáculos de vários estados. "Tempero de Frida", com dramaturgia e atuação de Rosana Reátegui e direção de Tatiana Motta Lima, é um dos representantes do Rio.

Pela Flip

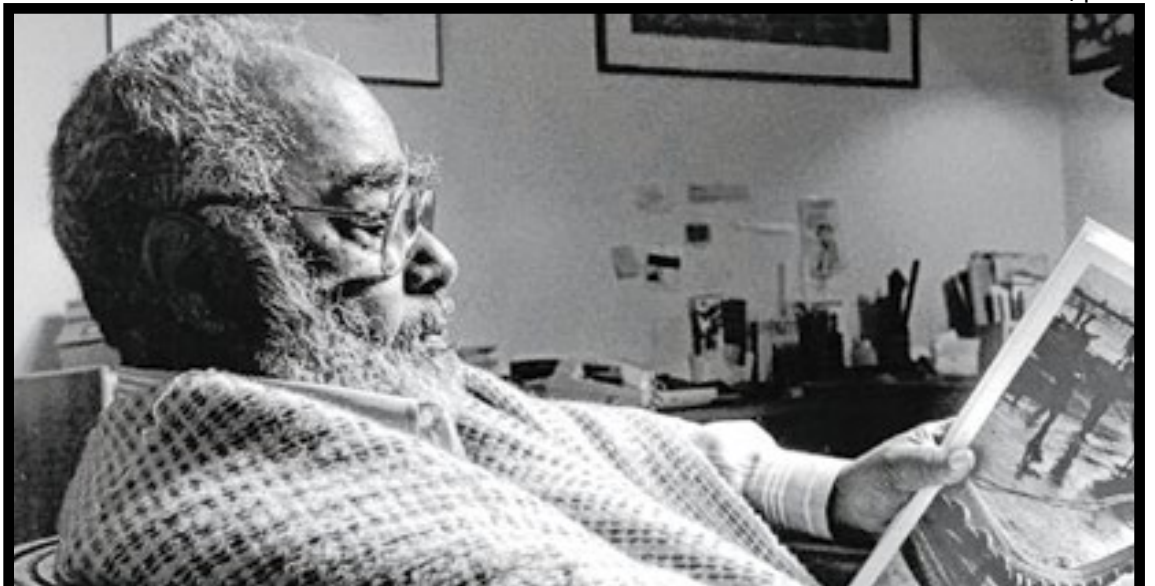
As escritoras Léonora Miano e Eliana Alves Cruz estarão na 22ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) nesta quinta-feira (10). Elas unirão as suas histórias na mesa "Da poeira que viemos", no auditório da Praça da Matriz, às 12h.

Celebração

O 1º Festival Internacional de Teatro Brasil no Chapitô apresenta terá sua primeira edição de 11 de outubro a 3 de novembro, no Chapitô, em Lisboa. O evento celebrará o teatro brasileiro no histórico espaço do Chapitô com quatro espetáculos.

Pela Flip II

Ainda na quinta, às 14h, Tino Freitas bate papo com leitoras na Casa Sembra. E, às 17h, Cidinha da Silva troca ideias com Henrique Rodrigues, curador do Prêmio Pallas de Literatura, e Rogério Duarte no painel Prêmios e Concursos Literários.



Abdias do Nascimento foi poeta, dramaturgo, artista visual, ativista pan-africano, deputado federal, senador e professor emérito da Universidade do Estado de Nova York

Valorizar a cultura afro-brasileira para combater o racismo

Fundado em 13 de outubro de 1944 por Abdias do Nascimento, José Herbal, Theodorico dos Santos, Aguinaldo Camargo e Wilson Tibério no Café Vermelhinho, na Cinelândia, o Teatro Experimental do Negro tinha como objetivo principal valorizar a cultura afro-brasileira e combater o racismo através da arte e da educação.

Criado num contexto histórico marcado pela discriminação racial, o TEN buscava dar voz aos negros brasileiros e promover a igualdade racial. Além de apresentar peças teatrais, o grupo também realizava atividades educativas e culturais, como palestras, debates e oficinas.

O repertório do TEN incluía tanto peças clássicas, adaptadas para a realidade brasileira, quanto peças originais de autores negros. Entre as montagens de maiores su-

cesso estão: O "Imperador Jones", adaptação do texto de Eugene O'Neill; "O Moleque Sonhador", peça original que abordava a temática da discriminação racial no país; e "Othello", adaptação do clássico shakespeariano com um elenco totalmente negro.

O TEN foi fundamental para a conscientização sobre a questão racial no Brasil e inspirou a criação de outros grupos teatrais e movimentos sociais.

Desde seu início, o TEN obteve ampla visibilidade. O jornal O Radical de 14 de outubro de 1944 registrou o fato histórico, informando que ao grupo inicial de fundadores se juntaram Arinda Serafim, Ruth de Souza, Claudiano Filho, Oscar Araújo, José da Silva, Antonieta, Antonio Barbosa e Natalino Dionísio, entre muitos outros.

Poeta, dramaturgo, artista visual e ativista pan-africano, Abdias do Nascimento foi deputado federal, senador e professor emérito da Universidade do Estado de Nova York (EUA). Além de fundar o TEN, organizou em 1950 o 1º Congresso do Negro Brasileiro, que decidiu pela necessidade de se criar um Museu de Arte Negra. Abdias atuou como curador do projeto até 1968.

No exílio, durante a ditadura militar, continuou colecionando obras doadas à coleção por artistas africanos e da diáspora, fazendo contatos com artistas e conceituando o que seria um Museu de Arte Negra.

A partir de 1968, Abdias passou a desenvolver seu próprio trabalho na pintura e exibiu em museus, galerias, centros culturais e universidades em todas as regiões dos Estados Unidos. Continuou pintando na volta ao Brasil, onde fundou o Ipeafro, que realizou exposições em museus e instituições culturais em Paris e em várias cidades do Brasil.

O documentário "Ecos do Teatro Experimental do Negro" e esta nova edição de "Dramas para Negros e Prólogo para Brancos" são marcos importantes que integram o Biênio Abdias do Nascimento, um conjunto de ações celebrando o 110º aniversário de Abdias e os 80 anos do TEN em 2024.

Espetáculo 'Névoa' debate os efeitos nefastos que a prática do bullying pode provocar

Em bora possa parecer ficção, os números revelam uma realidade preocupante: o bullying no Brasil tem atingido níveis alarmantes, com um aumento de 12% ao ano. Além disso, a violência contra a comunidade LGBTQIA+ é devastadora – uma pessoa desse grupo morre de forma violenta a cada 38 horas no país, segundo a Associação Acontece Arte e Política LGBTI+. Quando o bullying vem associado ao cancelamento nas redes sociais, as consequências psicológicas tornam-se ainda mais graves.

Essa complexa realidade ganha vida na peça “Névoa”, que chega ao Rio para curta temporada no Teatro dos Quatro, depois de passar por São Paulo e São José dos Campos. Com direção de Lavínia Pannunzio, o espetáculo trata o tema com profundidade e humor ácido numa abordagem corajosa e atual.

A trama é mais do que uma narrativa sobre acusações: ela explora como o peso de palavras e ações, muitas vezes esquecidas no passado, pode se intensificar e reverberar com força no presente.

A história acompanha Dennis Sullivan, cineasta aclamado por seu talento e inovação, que, na noite de sua vitória no Oscar, surpreende o mundo ao transformar seu discurso de agradecimento em um desabafo público. Durante o que deveria ser um momento de celebração, Sullivan acusa Ethan Rice, um antigo colega de escola, de ser o responsável pelo suicídio de seu melhor amigo, vítima de bullying homofóbico. O episódio expõe as



Da esquerda para a direita, Bruno Rocha, Felipe Hintze, Felipe Ramos e Fernando Billi

Terrorismo psicológico que mata

feridas do passado e desencadeia uma série de reações intensas e imprevisíveis.

À medida em que a história se desenrola, os personagens são confrontados com a dura realidade de suas escolhas e os impactos de suas atitudes no cenário digital. O público acompanha de perto a trajetória de Dennis e Ethan, forçados a lidar com as consequências públicas e privadas de seus atos. As revelações chocantes e a tensão crescente mantêm a plateia em suspense, enquanto questões profundas sobre culpa, responsabilidade e

justiça são discutidas de forma inteligente e afiada.

O elenco, que reúne talentos da dramaturgia brasileira, é um dos pontos altos da produção. Felipe Hintze, conhecido por suas atuações em “Verdades Secretas” e “Família é Tudo” da Rede Globo, traz uma intensidade única ao palco, ao lado de Fernando Billi (“Gênese” - Record), Felipe Ramos e Bruno Rocha. Juntos, eles apresentam performances que ressoam com a profundidade emocional e a complexidade exigida pela trama.

Hintze revela a trajetória

complexa e interessante de um personagem gay, que não assume sua sexualidade para a família e os amigos. “Estou muito empolgado em voltar com ‘Névoa’ após uma temporada tão bem-sucedida em São Paulo, o que traz uma expectativa especial, já que é a primeira vez que apresentamos a peça no Rio. Acredito que os temas que abordamos – bullying LGBT e o impacto cancelamento – são mais urgentes do que nunca, especialmente na era das redes sociais”, adianta.

O ator também revela que a nova fase da peça é praticamen-

te uma nova montagem, embora ele e o ator Felipe Ramos continuem no elenco. “Agora temos a entrada de atores novos (Bruno Rocha e Fernando Billi) que trouxeram uma energia renovada ao espetáculo, e estou ansioso para compartilhar essa experiência com o público carioca”, comenta o ator também já viveu personagens emblemáticos, como o Moqueca, em “Malhação - Viva a Diferença” (Globo, 2017).

A direção de produção, conduzida por Alina Lyra, garante que cada detalhe contribua para uma experiência teatral completa e imersiva, provocando risos nervosos e reflexões profundas entre o público.

SERVIÇO

NÉVOA

Teatro dos Quatro (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 2º piso)
Até 26/11, às terças-feiras (20h)

Ingressos: R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

Divulgação

Marcelo Soares/Divulgação

Nasce uma (grande) parceria

‘Mantra Concreto’ reúne 15 poemas de Paulo Leminski musicados pelo gaúcho Vitor Ramil

Por Affonso Nunes

Muitos foram os artistas que fizeram do isolamento social imposto pela pandemia um momento não apenas de reflexão, mas de criação. O cantor e compositor gaúcho Vitor Ramil. O irmão caçula de Kleiton e Kledir mergulhou de cabeça na obra poética de Paulo Leminski (1944-1989), um dos expoentes da chamada da Geração Mimeógrafo, um grupo de poetas que, na década de 1970, utilizavam o mimeógrafo para publicar seus trabalhos de forma independente, sem a necessidade de grandes editoras. Como exercício artístico, passou a musicar alguns versos e quando viu tinha 15 parcerias com um dos mais importantes poetas brasileiros do século 20. Assim pode ser contada a gênese de “Mantra Concreto”, um mergulho de Ramil no universo leminskiano.

Leminski não se limitou à poesia. Foi também romancista, tradutor, crítico literário, jornalista, publicitário e até mesmo faixa preta de judô. Essa diversidade de interesses e talentos contribuiu para a riqueza e a complexidade de sua obra.

“Justamente por estar isolado em casa, fui contaminado pela poesia de Leminski. Certo dia, enquanto lia o poema ‘Sujeito Indireto’, passei a mão no violão e minha imunidade baixou. ‘Quem dera eu achasse um jeito, de fazer tudo perfeito’ logo virou canção. Nos dias subsequentes a cena se repetiu com outros poemas. Em três semanas, treze poemas,

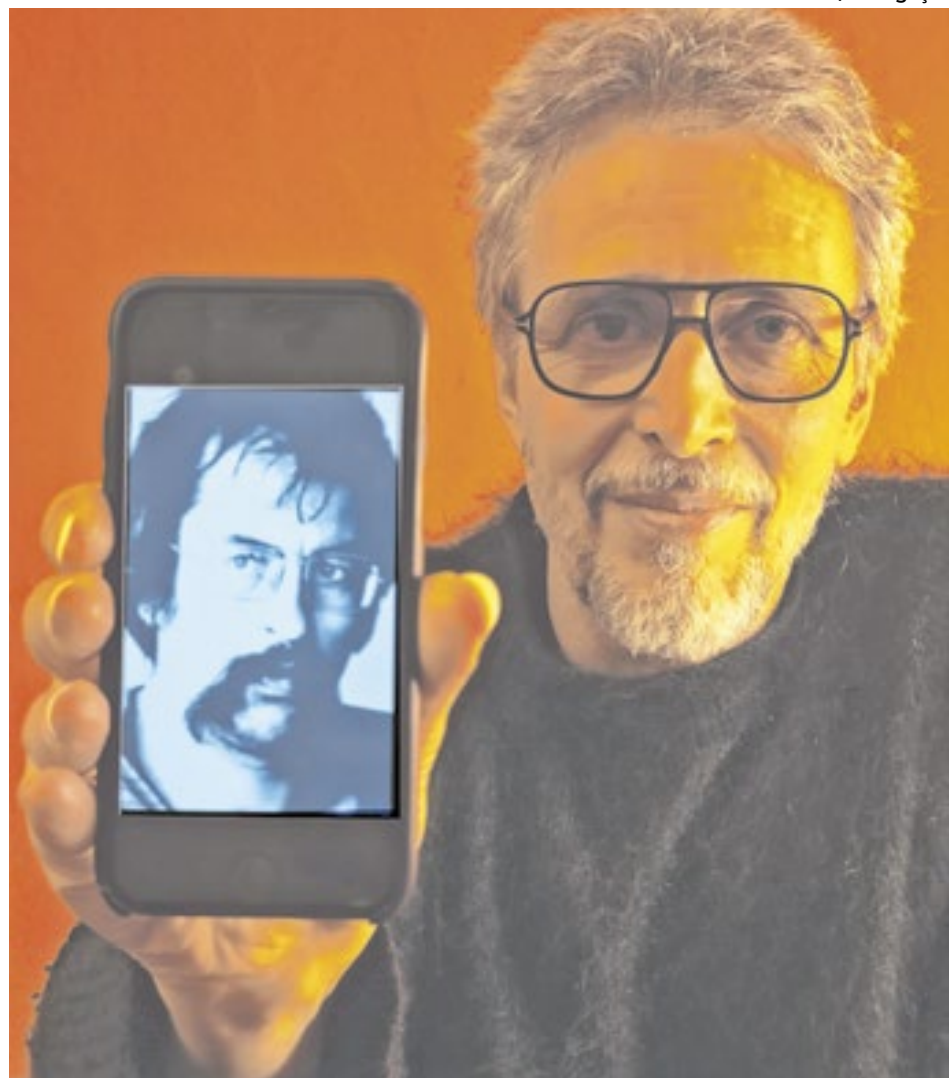


Vitor Ramil aproximou-se dos versos de Paulo Leminski durante a pandemia, quando musicou 15 poemas do curitibano. Assim nasceu o álbum ‘Mantra Concreto’

treze canções”, rebobina Ramil.

O artista chega a comparar esse processo criativo a um tipo de contágio, certamente muito mais prazeroso que aquele da covid-19. “A contaminação fora brutal. Não demorou para que o contagiante repertório tomasse meus pensamentos. Eu nunca criaria um grupo de canções tão coeso em tão pouco tempo. Anos antes já tinha musicado dois poemas dele. Agora contava então com quinze canções em parceria com Paulo Leminski. Como não pensar em um álbum?”, comenta.

O nome “Mantra Concreto”, conta Ramil, vem de um poema cujo título foi dado por ele mesmo, já que muitos poemas de Leminski não possuem título. “Os versos de ‘Mantra Concreto’ remetiam à poesia concreta, que tanto influenciou o poeta. Seu tema, de prece e pressa, com pinceladas entre o mítico e o espiritual, me fez pensar em mantras e no caráter mântico de muitas das minhas composições, que ganhavam concretude com aquela poesia clara e rigorosa. E essa expressão mantra concreto passou então a representar o conjunto das canções e a sugerir os caminhos para a concepção do álbum



como um todo: arranjos, gravações, mixagem, masterização e capa”, explica.

“Paulo Leminski, o lírico que associa o esquecimento e a chuva no telhado à felicidade, é também o cachorro louco que faz chover no nosso piquenique. O álbum precisava expressar sua personalidade e sua obra feitas de contrastes”, argumenta o novo parceiro do poeta, que teve colaboração dos co-produtores e músicos Alexandre Fonseca e Edu Martins. “Encarei o desafio trabalhando de modo minucioso e com calma. Eu estava em Pelotas, Alexandre no Rio, Edu em Porto Alegre. Os músicos convidados - André Gomes (sitar, guitarra), Carlos Moscardini (violão), Santiago Vazquez (kalimba) e Toninho Horta (guitarra) - estavam em São Paulo, Argentina, Uruguai e Belo Horizonte. Vagner Cunha (violino), José Milton Vieira (trombone) e Pablo Schinke (violoncelo) estavam em Porto Alegre. Nunca tocamos juntos, mas o resultado foi como se tivéssemos nos reunido na casa de Leminski no Pilarzinho, em Curitiba”, destaca.

Concluído o processo de gravação, Ramil acredita que a concepção de “Mantra Concreto” se mostrou coesa como o repertório. “Do som agudo mais sideral e cristalino descermos aos tremores de terra mais cavernosos,

capazes de modular a voz e tudo mais que estivesse em volta; da regularidade horizontal e geométrica dos violões, volta e meia descambamos para acentos verticais em tempos aleatórios; a limpeza mais limpa e a podreira mais podre trocaram figurinhas; música das galáxias, gotas de absinto, uma viola caipira lisérgica, uma máquina de escrever que substitui uma bateria, o ataque de um besouro-sintetizador gigante, o voo de faminhos violinos-mosquitos, um violão de nylon fantasma. No meio de tudo, a voz flutuando como um holograma. Acho que levamos Paulo Leminski a seu destino”, especula.

A capa remete ao construtivismo e ao cubo futurismo russos e também à cultura pop. “O designer Felipe Taborda apareceu com uma paródia do clássico cartaz de Rodchenko e Maiakóvski. Nada mais alta cultura e pop ao mesmo tempo, exatamente como a poesia de Paulo Leminski, em que a voz das ruas conversa com a voz interior mais elevada, em que um grafite casual ombreia com versos da maior sofisticação”.

O Correio ouviu o trabalho antes de seu lançamento, marcado para esta quinta, e celebra a mágica parceria de Vitor Ramil com Paulo Leminski, um dos melhores discos lançados neste 2024!



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ainda é cedo para cravar quem ganha o Oscar de 2025, embora alguns títulos (tipo “Conclave”, “O Quarto Ao Lado”, “Sing Sing” e o brasileiro “Ainda Estou Aqui”) já despontem entre as potenciais apostas para o prêmio hollywoodiano, o que levou o Festival do Rio (sabidamente) a incluir entre suas atrações um dos títulos mais esperados desta safra de potenciais premiáveis: “Todo Tempo Que Temos” (“We Live In Time”).

Sabe aquele tipo de produção que faz a gente suspirar? Pois então, o longa-metragem do aclamado diretor teatral e sazonal cineasta irlandês John Crowley (de “Brooklyn”) é desses. Tem sessão dele nesta quarta (9), às 19h30 no Odeon, com mais uma dose na sexta, às 21h15, no Kinoplex São Luiz, e no domingo, às 17h, no Net Gávea 5. Exibido no encerramento do Festival de San Sebastián, no dia 28 de setembro, esse drama romântico é daquelas narrativas fofas (tipo “P.S.: Eu Te Amo” ou “Um Lugar Chamado Notting Hill”) que arrastam multidões às salas.

A produção é assinada por Benedict Cumberbatch (o Doutor Estranho da Marvel) e renova uma



Divulgação

A estética da fofura

‘Todo o Tempo Que Temos’ é uma ode à tradição das histórias de amor inglesas dos anos 1940, 50 e 60

O drama de amor ‘Todo Tempo Que Temos’ estreia no Odeon cavando adesão popular em sua carreira para o Oscar, com atuações primorosas de Florence Pugh e Andrew Garfield

tradição outrora muito perseguida pelo audiovisual inglês – vide “Descanto”, de David Lean. A patrulha do politicamente correto vai se irritar, e muito, com a representação crua, sem estilização, da nudez, aplicada a seu par estrelas.

Há um ethos nesse filme mais

próximo do cinema popular praticado nos anos 1940 – tanto o hollywoodiano quanto o britânico – do que do comportamento dos anos 2020. Temos um engenheiro de computação, Tobias (Andrew Garfield, sublime em cena), que quer viver agarradinho com sua

paixão e ter filhos, de modo a repetir o pretérito perfeito que viu seu pai experimentar. Temos também uma chef um tanto cética, Almut (Florence Pugh, em seu desempenho mais sinuoso e mais tocante), que não se deixa amolecer por qualquer carinho, mas acaba arrebatada

pelo jeitão bom moço de Tobias.

Há incongruências entre eles, fato que há. Não esqueçam da máxima do dramaturgo Jean Anouilh: “Existe o amor, é claro, e existe a vida, sua inimiga”. Apesar de ruídos aqui e ali, principalmente alguns envolvendo o desejo dela de não ser mãe, forma-se uma covalência da mais alta plenitude entre eles. Só que esse par vai formar um triângulo com um ente nada bem-vindo: um câncer de ovário.

O que acompanhamos ao longo de uma hora e 47 minutos de uma montagem não linear, que volta no tempo aqui e avança nele acolá, é uma batalha épica, travada em dupla, não só contra uma doença terminal, mas contra o relógio.

“Não usaria o termo ‘heroico’ para definir a postura deles, mas entendo que as pessoas encarem assim, uma vez que se trava uma batalha pela vida. O ponto é que pessoas que enfrentam doenças terminais não se enxergam como heróis, buscando apenas abraçar as chances que têm de seguir na Terra”, disse Garfield ao Correio da Manhã em resposta na coletiva de imprensa do filme em San Sebastián.

O ex-Homem-Aranha tem uma atuação primorosa ao lado de Florence e disparam entre os potenciais candidatos à estatueta hollywoodiana, assim como Crowley vê seu prestígio no audiovisual crescer. “A única perspectiva que funciona dramaturgicamente num contexto de dor como este é alternância entre o romantismo e o lirismo”, disse o diretor ao Correio em San Sebastián. “É um filme sobre os mistérios do querer”.

Da lama ao caos

Um dos principais achados de Gramado, lá em agosto, “Filhos Do Manguê”, da respeitada diretora Eliane Caffé (“Narradores de Javé”), pede passagem pelo Festival do Rio na noite desta quarta-feira (9), em sessão hors-concours. Tem projeção dele às 20h45, no Estação NET Gávea, com repetaco na quinta, às 16h, no Estação NET Rio.

A produção conquistou o Kikito de Melhor Direção em telas gramadenses. Caffé filmou no Rio Grande do Norte, com roteiro de seu colaborador mais habitual, o dramaturgo Luís Alberto de Abreu, autor de “Lima Barreto ao Terceiro Dia”.

Aqui a dupla prosaia com a literatura de Sérgio Prado, no

romance “O Capitão”. Na trama, Pedro Chão (Felipe Camargo, em vigorosa atuação) é um homem desprovido de qualquer caráter, um sujeito individualista e desregrado, que aparece ferido e sem memória em sua comunidade ribeirinha. O povo o acusa de roubo e tenta, em vão, que ele recupere a memória e devolva o dinheiro. (R.F.)



Divulgação

Felipe Camargo tem atuação primorosa nesta adaptação do romance de Sérgio Prado

ENTREVISTA / EMÍLIO DOMINGUES, CINEASTA

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Semanas depois de botar o circuito carioca para dançar com “Black Rio! Black Power!”, Emílio Domingos tira do forno um documentário quentinho para o Festival do Rio imergir na criação de um dos LPs mais seminais da MPB: “Os Afro-Sambas, o Brasil de Baden e de Vinícius”.

Com sessão nesta quarta (9), às 19h, no Estação NET Botafogo 1, e quinta, às 18h30, no Estação NET Rio 3, o longa-metragem parece seguir por um caminho bem diverso dos painéis edificadas entre o lirismo e a antropologia pelo cineasta em títulos como “A Batalha do Passinho: O Filme” (2012) e “Favela É Moda” (2019).

A conexão sociológica entre eles, contudo, é indisfarçável, a julgar pela triagem de expressões da ancestralidade africana e sua depuração em novos ritmos e novas estratégias de sobrevivência.

O marco zero do filme é o ano de 1966, quando lojas de disco recebem o trabalho fonográfico de sinergia de Vinicius de Moraes (1913-1980) e Baden Powell (1937-2000) chamado “Os Afro-Sambas”. Participantes da gravação original, críticos, amigos e familiares dos músicos revivem a criação dessa obra-prima.

Filmada entre Salvador e Rio, a produção reúne imagens de arquivo e entrevistas exclusivas com Maria Bethânia, Dori Caymmi, Russo Passapusso e Nelson Motta. Na vitrola do Correio da Manhã, Emílio solta seu som:

O que o disco dos Afro-Sambas revela sobre o lugar da ancestralidade preta/negra na música brasileira e de que maneira essa

‘É uma viagem radical pelo espaço mais clássico da MPB’

Divulgação



O cineasta carioca Emílio Domingos dirige ‘Os Afro-Sambas, o Brasil de Baden e de Vinícius’

muito diferente, oriundo de São Cristóvão, que traz uma forma de tocar mais enérgica. É um disco que veio cercado de expectativa e aponta muitos caminhos. Foi importante não por número de vendas, mas pela quantidade de pessoas que influenciou. É um disco em que Vinícius faz uma viagem por um universo lírico que não é comum a ele nem à Bossa Nova, falando de candomblé e umbanda. É uma viagem radical, que recebeu críticas por suas letras, mas aponta muitas trilhas para o que virá a ser o epicentro do Tropicalismo, já se aproximando da Bahia. Essa musicalidade afro-baiana é apontada ali, sob a influência de Dorival Caymmi. Quando o país foi escutar Caetano, Gil e Gal, logo na sequência, já havia uma familiaridade.

De que maneira essa pesquisa histórica conversa com as suas investigações musicais anteriores? Qual é a linha antropológica que une esses filmes?

Esse filme abre uma nova

frente para o meu trabalho, pois embora eu continue falando de música, e música negra, por meio da figura de um artista da Zona Norte, como Baden, eu saio do espaço contemporâneo, do soul, funk e hip hop, para ir um espaço mais clássico da MPB. O eixo aqui é a afirmação de uma cultura, se pensarmos nas pesquisas de Baden que ele desenvolve nesse disco. É um LP que foi sampleado por vários artistas do hip hop e ficou cultuado no exterior. O disco do Marcelo D2, “Eu Tiro É Onda”, tem sampler dele, trabalhando o “Canto de Ossanha”.

Como foi idealizada a produção desse seu novo .doc?

Os produtores desse filme são os mesmos de “Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você”, a Renata Leite e o Diogo Pires Gonçalves. Foram eles que me convidaram para esse projeto, que foi feito para entrar no streaming, na Max, mas ganha estreia mundial agora no Festival do Rio.

herança segue materializada em nossos sons?

Emílio Domingos: O “Afro-Sambas” insere na MPB, com profundidade, a percussão afro-brasileira. Vinícius já era um artis-

ta consagrado pela Bossa Nova e, com esse disco, sua música dá um passo em direção aos terreiros de candomblé. Marca a chegada de Baden, um gênio do violão, ainda prodígio, com um estilo de tocar



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Desde que começou o Rio Market, a ala de mercado do Festival do Rio, inaugurada na manhã do dia 3, não há um só dia em que as palestras sobre o futuro do audiovisual não ressaltem o modelo de produção sul-coreano, com expansão de salas e ampliação de importações, como sendo um norte a ser seguido para filmografias que desejam sucesso.

A pátria de “Parasita” (a Palma de Ouro de 2019) emplacou muitas grifes autorais nos últimos 24 anos, mas nenhuma é tão prolífica quanto o diretor Hong Sangsoo. Um dos filmes mais procurados pelo público na maratona carioca deste ano é o seu “As Aventuras De Uma Francesa” (“A Traveler’s Needs”), que abocanhou o Grande Prêmio do Júri da Berlinale 2024. O título no Brasil se refere à sua estrela, Isabelle Huppert.

Tem mais uma sessão dessa comédia dramática (se é que valem rótulos de gênero para



Divulgação

Palavras que embriagam

Ganhador do Grande Prêmio do Júri da Berlinale, ‘As Aventuras De Uma Francesa’ mobiliza a plateia carioca na parceria do artesão autoral Hong Sangsoo e a atriz Isabelle Huppert

a obra desse cineasta) nesta quarta (9), às 16h, no Cine Santa Teresa, com mais uma dose na quinta, às 13h45, no Kinoplex São Luiz. Várias funções em seus créditos são assinadas pelo realizador de “HaHaHa” (Prêmio Un Certain Regard em Cannes, em 2010), cujo

nome, por é grafado Sang-soo ou Sang-Soo. Além de cuidar da direção, ele escreve, fotografa, edita, compõe a trilha sonora e produz. Sua Jeonwonsa Film Co. Production conseguiu dar conta de sua estética enxuta.

“Eu filmo situações do dia a dia que são

Isabelle Huppert flana pela Coreia do Sul entre porres e conversas em ‘As Aventuras de uma Francesa’

simples. Não preciso de efeitos especiais. Eu mesmo opero a câmera. Só preciso de alguém para captar o som. Com isso, o orçamento é pequeno. A montagem fica por minha conta também”, disse Sangsoo ao Correio antes das filmagens de “As Aventuras De Uma Francesa”, ao lançar “Lá Em Cima” (“Walk Up”),

no Festival de San Sebastián na Espanha. “Nem tudo o que aparece em cena precisa de uma explicação ou de uma conexão direta com a narrativa. Eu posso ser capturado pela imagem de um gato correndo, registrá-la e supor que faz sentido estético tê-la na edição de uma história que é absolutamente alheia àquele animal. Ele está ali só por fazer parte do mundo, por ter me oferecido um momento que, filmado, gera um sentido artístico”.

Em seu novo filme, a flautista Iris (papel de Huppert) dá aula de francês para ganhar um troco na Coreia do Sul e, sempre que pode, entorna litros e litros de Makgeolli (um vinho de arroz) enquanto coleciona encontros, desencontros e aprendizados. A cada conversação que ela trava, mesmo falando banalidades, Sangsoo cria um painel poético do cotidiano.

O QUE VER NESTA QUARTA NO FESTIVAL

POR RODRIGO FONSECA

Divulgação



Divulgação



Divulgação



Divulgação



JUVENTUDE: TEMPOS DIFÍCEIS (“Youth (Hard Times)”, de Wang Bing (China): Indicado ao Leopardo de Ouro do Festival de Locarno, este amplo (tem 227 minutos) painel da vida fabril chinesa saiu do evento suíço com o Prêmio da Crítica e a Menção Especial do júri. O diretor costura relatos individuais e coletivos que se desenrolam nas oficinas têxteis de Zhili. Onde: Cinesystem Botafogo 2

A HERANÇA, de João Cândido Zacharias (Brasil): Nervosa incursão brasileira nas veredas do terror queer, apoiado em atuações inquietantes como a de Gilda Nomacce. É uma mistura de “O Estranho no Lago” (2013) com “O Inocentes” (1961). Seu protagonista, Thomas retorna ao Brasil após a morte da mãe e descobre ser o único herdeiro de uma avó que nunca chegou a conhecer. Onde: Reserva Cultural, 16h15

APOCALIPSE NOS TRÓPICOS, de Petra Costa (Brasil): Depois de “Democracia em Vertigem” (indicado ao Oscar), a realizadora investe uma vez mais nas convulsões políticas do Brasil pós-golpe de 2016 numa rota além do Palácio do Planalto: as igrejas evangélicas radicais. Um aulão nota 10 de montagem que chega à Première Brasil, com chances de papar o troféu Redentor. Onde: Estação NET Gávea, 19h15

CANINA (“Nightbitch”), de Marielle Heller (EUA): Com toques de terror extra-ordinário e doses de humor tenso, esta cartografia das tensões do dia a dia tem como protagonista uma pintora que aposenta os pincéis para virar mãe em tempo integral. A gastura da maternidade e a falta de cumplicidade do marido fazem com que ela entre numa metamorfose adquirindo dons de cães. Onde: Odeon, 21h45

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.

PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.